

No jardim-de-infância e na escola do 1.º ciclo -

Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico

Na observação e análise de muitas práticas educativas em contextos de infância, frequentemente, vêm-me à ideia as caricaturas de Tonucci¹ que realçam a tendência directiva e uniformizadora que predomina em grande parte dos nossos contextos educativos: em fila, dois a dois, de mãos dadas, as crianças saem para a rua, para fazer uma visita de estudo... já no jardim-de-infância, a criança desenha a cabeça do colega da frente como sendo aquilo que mais a marcou ao longo do percurso. E, o desenho em que é dito à criança, desde sempre, “faz assim”, “é assim que se faz”, “deves sempre fazer assim” e, a certa altura, um pouco mais à frente na sua escolaridade, a criança confronta-se com o desafio “escolhe, tu”, decide, sê autónomo, pensa por ti... “Escolher?” Mas, o que é isso? Como se faz? São imagens que valem mais que mil palavras e que, de uma forma impressionista, associamos ao dia a dia de muitas das nossas instituições educativas.

Mas, o que é que a investigação nos diz acerca da forma como educamos para a autonomia, para a assertividade e pensamento crítico nos nossos contextos de infância?

Pensar a criança como aprendiz activo significa reconhecer a sua necessidade incessante de aprendizagem e de procura de novas experiências. Existe nela um ímpeto natural de exploração, compreensão e controlo do ambiente em que vive. Se emocionalmente seguras, naturalmente as crianças exploram o seu contexto e estão altamente motivadas para novas descobertas e para busca de informação significativa. Consequentemente, importa assegurar que as escolas sejam experienciadas como locais seguros, estimulantes e motivantes, de construção de conhecimentos significativos e não como locais de aborrecimento...

Se as crianças aprendem através de um processo de construção activa de conhecimento, em interacção social, um contexto de aprendizagem estimulante será o que fornece novas, activas e significativas experiências, individuais e partilhadas, oportunidades de exploração, envolvimento das crianças na discussão e resolução de problemas, oportunidades de expressão e representação. Os processos de resolução de problemas e expressão individual afiguram-se como formas importantes na educação para a

¹ Tonucci, F. (1986). *Avec des yeux d'enfant*, Villars-Mendraz (Suisse) : Editions André Delcourt & Cie, 2^{ème} édition.

autonomia e para o pensamento crítico. Ambos os processos requerem que os indivíduos mobilizem aquilo que sabem e que dele façam uso de novas maneiras. Em contexto escolar a apresentação de novas ideias e informações como problemas a resolver, ou áreas a investigar, com objectivos que são reais e significativos para as crianças parece otimizar a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Também a abordagem “filosofia para crianças” procura colocar as crianças perante questões morais ou éticas, no contexto de histórias, e envolvendo as crianças em debates em torno de questões levantadas, estimulando o pensamento crítico, a abertura a outras perspectivas ou outras formas de pensar, bem como as competências comunicacionais e relacionais. As crianças aprendem a colocar questões, a procurar argumentos e opiniões, a escutar os outros e a crescer a partir das ideias partilhadas. Convidando as crianças a reflectir sobre a relação entre diferentes áreas do conhecimento e a pensar sobre as suas experiências, o diálogo e debate tornam a experiência educativa significativa e promotora de desenvolvimento. Como é que isto é feito em escolas do 1.º CEB?

Também, quando as crianças brincam, elas resolvem problemas, fazem descobertas, expressam-se de várias formas, utilizam informações e conhecimentos em contexto significativo. O brincar, actividade natural e intrínseca na criança, envolve exploração activa, flexibilidade do pensamento, oferece oportunidades de experimentação, de estabelecimento de relações entre diferentes elementos, de pensar as situações sob diferentes pontos de vista, de aprendizagem por ensaio e erro, sem medo de falhar. De que forma nos nossos jardins-de-infância são dinamizadas as potencialidades que o brincar oferece para o desenvolvimento da capacidade de pensar, ter iniciativas, tomar decisões, pensar criativo e diferente?

O trabalho da Amélia Marchão, que tenho o prazer de prefaciar, insere-se nesta linha de trabalho procurando perceber como é trabalhado o pensamento crítico da criança em contextos de jardim-de-infância e do 1.º CEB. Resulta de uma elevada capacidade de organização, disciplina, rigor e entrega plena à tarefa exigente que a investigação conduzida no âmbito do seu doutoramento envolveu. Indo muito para além de uma visão impressionista procura trilhar um caminho rigoroso de compreensão de práticas pedagógicas em contextos de infância, focalizado na construção curricular e no desenvolvimento do pensamento crítico.

Ao procurar analisar e reflectir os quotidianos das crianças, tendo como pano de fundo estas questões, a presente obra afirma-se como um importante contributo para o conhecimento de algumas condições conducentes ao desenvolvimento de uma criança activa, cidadã participativa e competente, na linha do artigo 12.º da Convenção sobre os Direitos das Crianças, (1989) - a criança tem direito de exprimir as suas opiniões em todas as questões que lhe digam respeito, devendo essas opiniões ser tomadas em devida consideração.

Desejo à Amélia e ao seu livro o maior êxito e aos leitores um encontro estimulante com uma problemática que continua em aberto, permanecendo o desafio da promoção do pensamento crítico e da autonomia no jardim de infância e na escola.

Outubro de 2011

Gabriela Portugal

Universidade de Aveiro, CIDTFF